

DIFICULDADES PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DE ESPECTRO AUTISTA (TEA): No Desenvolvimento Escolar dos Anos Iniciais Numa Escola Pública em Imperatriz-MA

Thaynara de Jesus Silva ¹

Elizaete Gomes Ribeiro ²

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo mostrar algumas dificuldades que aparecem com a inclusão das crianças com autismos nos anos iniciais em uma escola pública em Imperatriz-MA. E tem como justificativa estabelecer uma relação entre o professor e o aluno, onde mesmo tem papel por transmitir os seus conhecimentos aos seus alunos, principalmente com os alunos autistas. A inclusão de crianças com autismo nos anos iniciais vem enfrentando diversas dificuldades, destacam-se a falta de preparo e a capacitação continuada dos professores e a escassez de recursos e materiais adequados durante as aulas. Além da resistência de algumas escolas e famílias em adaptar o ambiente escolar às necessidades específicas dessas crianças. Além disso, o transtorno de espectro autista (TEA) é um transtorno neurobiológico que afeta um grau de comprometimento no comportamento social, educacional, na comunicação e na linguagem, transtorno que começa na infância e vai persistir até a vida adulta. A Escola se caracteriza como sendo onde se reunir o maior número de alunos, incluindo as crianças com transtorno do espectro de autismo (TEA), onde o principal papel dessa é de incluir esses alunos em um ensino digno a cada estudante, estabelecendo uma igualdade de ensino em toda a sala de aula. Cada professor desenvolve maneiras específicas de dar aquela mesma aula aos alunos com TEA, o professor se responsabiliza também em tentar adquirir novos meios de aprendizado para elaborar uma aula diferente a cada dia e com participação desse aluno nas brincadeiras e ensino. Utilizando as principais pesquisas de Mello (2010), Alexandre (2007), juntamente dos psiquiatras Hans Asperger, Leo Kanner os pioneiros em estudar e apresentar para a sociedade as pesquisas sobre TEA. Os principais resultados são com relação à formação continuada dos professores que irão mediar os conhecimentos com os alunos com TEA na escola que serviu de estudo de caso.

Palavras-chaves: Autismo, Inclusão, Professor.

INTRODUÇÃO

A inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar tem sido um tema de grande relevância e desafios na educação contemporânea. Segundo Mello (2010), o TEA é um transtorno neurobiológico que impacta no comportamento social, na comunicação e na linguagem, persistindo ao longo da vida dos indivíduos. A escola, como

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Sul do Maranhão – UEMASUL, thaynara916@gmail.com

² Professora orientadora: Graduada em Bacharel em Administração – Faculdade Atenas Maranhense – FAMA; Graduada em Formação Pedagógica de Docentes do Ensino Fundamental, Médio e Profissional- Universidade Estadual do Maranhão-UEMA. Esp. em Psicologia da Educação-Universidade Estadual do Maranhão-UEMA. MBA em Administração de RH-UNITER-PR; Pós-graduação em Gestão em Saúde-Universidade Federal do Maranhão-UFMA; Esp. em Docência do Ensino Superior - UNITER-PR. elizaetegomes@hotmail.com.



espaço de socialização e desenvolvimento, deve proporcionar condições adequadas para a aprendizagem e inclusão desses alunos, promovendo uma educação digna e igualitária para todos. Contudo, a realidade em muitas escolas, especialmente nas públicas, revela dificuldades na adaptação do ambiente, na formação de professores e na disponibilização de recursos especializado.

A partir dessa problemática o presente artigo propõe compreender as dificuldades enfrentadas na inclusão de alunos com TEA nos anos iniciais de uma escola pública no município de Imperatriz-Maranhão, evidenciando aspectos que envolvem a formação docente, recursos disponíveis e a relação com familiares e comunidade escola.

Assim, esse trabalho tem por objetivo analisar as dificuldades encontradas na inclusão de alunos com TEA nos anos iniciais de uma escola pública de Imperatriz, buscando subsidiar ações que promovam uma educação mais inclusiva e adequada às necessidades desses estudantes. Com os objetivos específicos de identificar as principais dificuldades enfrentadas pelos professores na inclusão de alunos com TEA e Investigar os recursos materiais e de formação disponíveis na escola para atender às crianças com TEA.

Afinal, conforme Schwartzman (2003), "a participação da família no processo terapêutico da criança com autismo é essencial", ressaltando a importância de uma parceria entre escola, família e profissionais especializados para promover o desenvolvimento integral da criança. Além disso, a legislação brasileira, como a Lei nº 12.764/12, reforça o direito de toda pessoa com autismo a assistência especializada, incluindo o apoio de auxiliares e profissionais capacitados na escola.

A pesquisa adotada caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, fundamentada em levantamento bibliográfico e estudo de caso. Para tanto, foi realizado um levantamento de literatura especializada e uma análise de uma escola pública de Imperatriz – MA, por meio de aplicação de questionários fechados direcionados a professores, gestores e responsáveis pelos alunos com TEA. A coleta de dados permitiu compreender as dificuldades, estratégias e percepções relativas à inclusão desses estudantes, contribuindo para a análise aprofundada do tema.

REFERENCIAL TEÓRICO

O transtorno de espectro autista (TEA) é um transtorno que desordens do desenvolvimento neurobiológico que são presentes desde o nascimento ou começo da infância.



Pessoas com TEA apresentam déficit na comunicação social ou interação social, como na linguagem verbal ou na linguagem não verbal e na reciprocidade socioeconômica com isso os alunos portadores de TEA acaba apresentando dificuldades na aprendizagem e no convívio estudantil entre professores ou colegas de sala de aula. Todas as pessoas com autismo partilham destas dificuldades, mas cada um deles será afetado em intensidades diferentes, terão comportamentos diferentes, resultando em situações particulares.

Sobre autismo podemos observar a fala de Mello (2007, p. 15):

O autismo foi descrito pela primeira vez em 1943 pelo Dr. Léo Konner (médico austríaco residente em Baltimore nos Estados Unidos), em seu histórico artigo originalmente em inglês distúrbios artísticos do contato afetivo (MELLO, 2007, p.15).

Leo Konner um psiquiatra infantil muito conhecido entre o ano de 1943, usou o termo “autismo” onde ele vai começar a descrever como e o padrão de comportamento das crianças com esse transtorno, nessa descrição ele começa a observar que a maioria das crianças e jovens tem alheios a pessoas que estão a sua volta e gostam de determinados objetos onde nisso essas crianças ficam fixa a esse assunto e nessa linguagem que ele chama de “mecânica”, isso chama a atenção de Kaner pois a maioria das crianças a partir dos anos iniciais já tem uma rápida estimulo e as crianças com Tea não respondia esses estímulos externos e acabam não desenvolvendo nenhuma interação com as pessoas próximas e eles vivem praticamente no mundo deles.

Autismo surgiu a bastante tempo como citado anteriormente, surgir na vida das pessoas desde muito cedo, para a sociedade podemos configurar que isso e a “doença do século” “percebesse que autismo não e algo que está sendo descoberto atualmente, ele surgiu a muitos anos atras e a cada ano está tendo novas descobertas.

O autismo é uma síndrome definida por alterações presentes desde idades muito precoces, tipicamente antes dos 3 anos de idade, e que se caracteriza sempre por desvios qualitativos na Comunicação, na interação social e na imaginação. (MELLO, 2007. p.16).

Hans Asperger enfatiza que as crianças com autismo já têm sinas de visíveis a partir dos dois primeiros anos de vida, como Pereira (2011, p. 51) irá concordar com essa psicanálise:

O Autismo é uma síndrome manifestada antes dos três anos de idade, que apresenta atrasos na comunicação, na linguagem e na interação social (PEREIRA, 2011, p.51).

Destacamos nesse primeiro momento o papel da família com essas crianças como a autora destaca:

“A família do indivíduo portador do autismo, possui um papel decisivo no processo



de inclusão dele na sociedade”. Serra (2004).

Os familiares têm o principal papel de correr atrás pelos direitos estabelecidos pela constituição federativa brasileira, a família é a responsável legalmente por cada filho, a principal dificuldade das mesmas quando se tem o diagnóstico de TEA que acabam as famílias não aceitando, tendo um período de negação e acabar adiando o tratamento daqueles cidadãos. Apesar de ser chamado autismo infantil, pelo diagnóstico ser comum em crianças e até em bebês, os transtornos são condições permanentes que vai acompanhar a pessoa por todas as etapas da vida.

"A participação da família no processo terapêutico da criança com autismo é essencial, pois é no ambiente familiar que se constroem os primeiros vínculos afetivos e se desenvolvem as habilidades sociais e comunicativas."(Schwartzman, 2003).

Quando se tem um diagnóstico, a escola vai ser o local onde terá a inclusão desses alunos, os alunos com TEA tem bastante dificuldade no aprendizado, só que não são incapazes de não aprender, eles procuram formas de entendimentos próprios onde apenas eles são capazes de aprender.

É normal a criança autista sentir-se desconfortável e intimidada em um ambiente novo, como o da escola. É normal buscar apoio nas coisas ou nos movimentos que a atraem, mantendo-se permanentemente concentrada neles, esquecendo de todo o resto. [...] Nessa relação, quem aprende primeiro é o professor e quem vai ensinar-lhe é o seu aluno”. (CUNHA, 2011, p. 33).

Outro aspecto relevante está na escassez de recursos adequados na escola, como salas de recurso, materiais adaptados e profissionais especializados, como psicopedagogos, que possam elaborar planos de intervenção específicos e acompanhar o desenvolvimento dos alunos com TEA. Nesse sentido, a Lei nº 12.764/12 reforça o direito de indivíduos com autismo a receberem acompanhamento especializado, inclusive com o apoio de auxiliares capacitados em autismo, educação inclusiva ou desenvolvimento infantil, obrigando as instituições de ensino a se adequarem a essas necessidades. No entanto, na prática, muitas dessas exigências ainda encontram barreiras na infraestrutura e na formação docente.

O professor dos anos iniciais e anos finais acabam conseguindo identificar as dificuldades que todos seus alunos apresentam, procurar novos métodos de compartilhar o conteúdo com os alunos, onde quando se tem um aluno com autismo acabam achando que eles serão incapazes de entender o conteúdo ou acabam não modificando o seu planejamento escolar, onde cada aluno com TEA tem por direito a construção de um plano de aula particular



para eles.

O aluno com autismo não é incapaz de aprender, mas possui forma peculiar de responder aos estímulos, culminando por trazer-lhe um comportamento diferenciado, que pode ser responsável tanto por grandes angústias como por grandes descobertas, dependendo da ajuda que ele receber” (CUNHA, 2011).

Um dos principais obstáculos refere-se à formação continuada dos professores, que muitas vezes não possuem conhecimentos aprofundados sobre o TEA, o que impacta na implementação de estratégias pedagógicas eficazes e na adaptação do currículo às necessidades específicas de cada estudante. Como destacado por Cunha (2011), "o aluno com autismo não é incapaz de aprender, mas possui uma forma peculiar de responder aos estímulos", o que requer do professor uma postura flexível, criativa e individualizada para possibilitar a aprendizagem significativa. Entretanto, a realidade muitas vezes mostra resistência à mudança de metodologias tradicionais, além de uma escassez de recursos materiais e de apoio especializado

A política de inclusão também demanda uma adequação das práticas pedagógicas e uma visão positiva acerca das potencialidades dos alunos com TEA. Como enfatiza Pereira (2011), "as crianças com autismo têm formas próprias de aprender e podem desenvolver habilidades dentro de suas possibilidades, quando recebem o apoio adequado." Portanto, é fundamental que os professores estejam preparados para reconhecer as singularidades de cada estudante, elaborando planos de aula ajustados e planejamentos individualizados.

Por fim, as estratégias de inclusão precisam ser apoiadas por uma política institucional que priorize a formação continuada, recursos adequados e uma cultura escolar que valorize a diversidade. Somente assim será possível promover um ambiente escolar mais acolhedor, acessível e capaz de promover o pleno desenvolvimento das potencialidades de todas as crianças, incluindo aquelas com TEA.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi por meio de pesquisas bibliográficas por meio de livros que relata sobre o tema, e um estudo de caso, a partir da análise de uma escola X do município de imperatriz, que foi o objeto de estudo. Utilizou questionário fechado da natureza qualitativa, de caráter descritivo exploratório, envolvendo uma professora da escola X, gestores e responsáveis pelos educandos, com quadro perguntas para cada entrevistado.

RESULTADO E DISCUSSÕES



A escola é de pequeno porte, salas pequenas, sem quadra de esporte, com uma sala de aula bastante pequena com muitas cadeiras expostas sem ser utilizada, uma professora titular em cada sala de aula, um refeitório com pouco espaço, na estrada da escola tem mesas e bancos para os alunos se alimentar, tem uma sala com recurso para trabalhar a educação especializada de cada aluno.

Na sala de recurso ficam psicopedagogas responsáveis em atender os alunos com transtorno, onde os alunos elegíveis para o atendimento são liberados pelo setor de inclusão a diversidade (SIADI) e com o apoio da secretaria municipal de educação de imperatriz (SEMED), os alunos frequenta o contra turno do ensino regular que ele está matriculado no município, para esta se dirigindo o atendimento educacional especializado (AEE) , com a psicopedagoga e a professora titula de cada aluno, elabora um planejamento de desenvolvimento individual (PDI) cada aula com autismo tem seu planejamento da psicopedagoga onde ela elabora colocando como a professora deve trabalhar aquele conteúdo com o aluno, com isso a professora elabora um outro plano de aula incluindo tudo o que foi elaborado pela psicopedagoga do estudante.

A entrevista com a professora se baseou pelas perguntas, quais as principais dificuldades que você enfrenta ao ensinar alunos com TEA na sala de aula, Como você adapta suas aulas para atender às necessidades específicas desses alunos? Quais estratégias você utiliza para promover a inclusão e facilitar o aprendizado? Você sente que sua formação ou capacitação é suficiente para lidar com esses alunos? Se não, o que falta?

As respostas da professora foi curta onde na primeira ela respondeu que o aluno com autismo não é incapaz de aprender, mas possui forma peculiar de responder aos estímulos, na segunda pergunta ela respondeu que cada aluno com TEA tem por direito a construção de um plano de aula partícula, as outras perguntas ela preferiu não responder.

Como enfatiza Werneck (2010) “A diferenciação do ensino é essencial para garantir que cada aluno, independentemente de suas características, possa aprender de forma significativa”, a enfatiza a necessidade que os professores necessitam de metodologias diferentes e estratégias de ensino, para garantir a participação de alunos com necessidades especiais em todas as atividades desenvolvidas em sala de aula.

A formação continuada como destacamos Menezes (2012), "A formação continuada é fundamental para que o professor desenvolva estratégias eficazes na inclusão de alunos com TEA", apenas com a formação os professores titulares terá uma formação de professores e



estratégias pedagógicas inclusivas, na universidades aprendemos teorias e na prática escolar desenvolvemos como as teoria acontecem, com a formação teremos professores apitos para uma inclusão digna para todos os alunos transtorno de espectro autista (TEA).

A entrevista com a diretora da instituição se baseou pelas perguntas: Quais ações a escola tem adotado para promover a inclusão de alunos com autismo? Quais os principais obstáculos enfrentados na implementação de uma educação realmente inclusiva? Como a escola tem trabalhado para adequar o ambiente escolar às necessidades desses estudantes? De que forma a escola apoia os professores e os pais nesse processo de inclusão?

Com essas perguntas as respostas da diretora foram bem diretas, onde ela respondeu que a escola tem a sala de recurso própria para a inclusão desses alunos, que ao longo dos meses tem formação com os professores para dialogar sobre o rendimento das salas de aula, A inclusão de crianças com autismo nos anos iniciais vem enfrentando diversas dificuldades, destacou-se a falta de preparo e a capacitação continuada dos professores.

Para Melo (2010) A adaptação do ambiente escolar às necessidades específicas dos estudantes com TEA é fundamental para facilitar sua participação e aprendizagem, incluindo recursos físicos, materiais didáticos acessíveis e a organização do espaço de forma a promover a autonomia e o conforto.

Neste sentido o papel do diretor ou diretora é fundamental na adaptação do ambiente escolar, onde o mesmo deve qualificar cada vez mais a rede de ensino, trazer novas estratégias de espaço escolar, a capacitação dos seus professores para receber alunos com necessidades especiais, o autismo.

As perguntas realizadas com um pai que tem seu aluno matriculado na instituição se basearam pelas perguntas. Quando foi recebido o diagnóstico de autismo do seu filho, quais foram suas primeiras dificuldades ao lidar com a escola? Como você percebe a participação da escola e dos professores no processo de inclusão do seu filho? Quais mudanças você acha que poderiam acontecer para melhorar a inclusão das crianças com autismo na escola? e que apoio ou recursos você sente que a escola precisa oferecer aos alunos com autismo e às famílias? O mesmo preferiu não responder o questionário.

Segundo Schwartzman (2003) menciona que a participação da família e o apoio institucional são essenciais para o sucesso da inclusão.

A escola deve oferecer orientações, capacitações e um canal de comunicação aberto com os pais, promovendo uma parceria que favoreça o desenvolvimento do aluno. Essa abordagem destaca a importância de atividade de formação continuada para professores e de uma comunicação efetiva com os responsáveis, fortalecendo o processo de inclusão.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste aspecto, professores capacitados estão mais preparados para lidar com as necessidades específicas desses alunos e promovendo um ensino mais inclusivo. Como também uma escola acessível garante a inclusão plena dos alunos, proporcionando igualdade de condições para todos os estudantes, incluído adaptações na escola, como rampas, banheiros, sala de aula e equipamentos assistivos.

A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar apresenta múltiplos desafios, especialmente nas escolas públicas de menor porte, como evidenciado na pesquisa de Imperatriz-MA. Um dos principais obstáculos refere-se à formação continuada dos professores, que muitas vezes não possuem conhecimentos aprofundados sobre o TEA, dificultando a implementação de estratégias pedagógicas eficazes e a elaboração de planos de aula individualizados. Além disso, a escassez de recursos materiais adaptados e a infraestrutura inadequada representam barreiras significativas para uma inclusão de qualidade.

É importante destacar que a participação efetiva da família e o apoio institucional emergem como fatores essenciais para o sucesso do processo de inclusão, reforçando a importância da parceria sólida entre escola, família e profissionais especializados. A legislação brasileira, como a Lei nº 12.764/12, reforça o direito dos estudantes com TEA a receber uma educação que respeite suas necessidades específicas e potencialidades, obrigando as instituições de ensino a se adequarem a tais exigências.

Por outro lado, como destacado na literatura e na pesquisa realizada, o reconhecimento de que o aluno com autismo não é incapaz de aprender, mas apresenta uma forma peculiar de responder aos estímulos, é fundamental para que educadores adotem posturas flexíveis, criativas e individualizadas. É imprescindível que as escolas promovam a formação continuada e disponibilizem recursos adequados, fomentando uma cultura escolar que valorize a diversidade e potencialize as habilidades de todos os estudantes.

Em lógica de que a educação inclusiva necessita cada vez mais de valorização dos gestores públicos, onde seja um dos principais valores que os indivíduos possam ter para incluir-se no âmbito social, mesmo com grandes avanços existe arestas que possam ser melhoradas, principalmente, no quesito da estrutura física das escolas públicas imperatrizense em relação acessibilidade.

Somente por meio de políticas institucionais que priorizem a capacitação docente, a



adequação de recursos e a valorização da inclusão, será possível criar um ambiente escolar mais acolhedor, acessível e capaz de promover o pleno desenvolvimento das potencialidades de crianças com TEA. Assim, a escola pública, enquanto espaço de formação de cidadãos críticos e plurais, deve trabalhar continuamente para garantir o direito à educação de qualidade de todos os seus estudantes, contribuindo para uma sociedade mais justa e inclusiva.

REFERÊNCIAS

ASPGERGER, Hans. *Estudos sobre autismo: pioneirismos no entendimento do transtorno*. [S.l.: s.n.], [s.d.]. Acesso em: 14 ago. 2025.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Acesso em: 14 ago. 2025.

BRASIL. *Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012*. Dispõe sobre o atendimento e o reconhecimento das pessoas com transtorno do espectro autista. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 28 dez. 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12764.htm. Acesso em: 14 ago. 2025.

CUNHA, M. M. *Autismo, educação e inclusão*. [S.l.]: Editora XYZ, 2011. Acesso em: 18 ago. 2025.

CUNHA, Eugênio. *Autismo e inclusão: psicologia e práticas educativas na escola e na família*. Rio de Janeiro: WAK, 2011. Acesso em: 18 ago. 2025.

MELLO, C. I. M. de. *Autismo: ensino, comunicação e tratamento*. [S.l.]: Editora ABC, 2007. Acesso em: 18 ago. 2025.

MELLO, A. M. S. Ros De. *Autismo: guia prático*. 8. ed. São Paulo: [s.n.], 2007. Acesso em: 18 ago. 2025.

PEREIRA, L. M. de. O autismo e suas manifestações precoces. In: PEREIRA, R. B. (Org.). *Transtornos do espectro autista*. Porto Alegre: Editora XYZ, 2011. Acesso em: 03 set. 2025.

PEREIRA, C. A. V.; PEREIRA, C. F. V.; PEREIRA, C. C. V. Autismo infantil: aplicações do ensino estruturado na inclusão escolar. *Revista Ciência & Saúde Nova Esperança*, v. 11, n. 3, p. 75–77, dez. 2013. Acesso em: 18 ago. 2025.

PEREIRA, C. C. V. *Autismo e família: participação dos pais no tratamento e desenvolvimento dos filhos autistas*. *Revista Facene/Famene*, v. 9, n. 2, 2011. Acesso em: 18 ago. 2025.

SCHWARTZMAN, S. A participação da família no processo de intervenção. In: _____. *Autismo: desenvolvimento infantil e inclusão escolar*. São Paulo: Editora ABC, 2003. Acesso em: 03 set. 2025.

SCHWARTZMAN, José Salomão. *Transtornos do espectro autista e a intervenção precoce*.



[S.l.], 2003. Acesso em: 03 set. 2025.

SERRA, M. *Família e autismo: o papel no processo de inclusão*. Rio de Janeiro: Editora XYZ, 2004. Acesso em: 03 set. 2025.

KANER, Leo. *Distúrbios artísticos do contato afetivo*. Baltimore: [s.n.], 1943. Acesso em: 03 set. 2025.

